

## Série *Betty* (2020): garotas skatistas e produções de gírias

### RESUMO

**Isabella Ferreira de Andrade**  
[isabella@estudantes.ifg.edu.br](mailto:isabella@estudantes.ifg.edu.br)  
Instituto Federal de Goiás (IFG), Jataí,  
Goiás, Brasil.

**Karine Rios de Oliveira Leite**  
[karine.leite@ifg.edu.br](mailto:karine.leite@ifg.edu.br)  
Instituto Federal de Goiás (IFG), Jataí,  
Goiás, Brasil.

**Thiago André Rodrigues Leite**  
[thiago.leite@ifg.edu.br](mailto:thiago.leite@ifg.edu.br)  
Instituto Federal de Goiás (IFG), Jataí,  
Goiás, Brasil.

Neste artigo<sup>1</sup>, interessamo-nos pela série *Betty* (2020), na qual há cinco garotas skatistas e protagonistas: Camille, Honeybear, Indigo, Janay e Kirt, que estão, com muita frequência, praticando skate e produzindo gírias em circunstâncias (in)tensas de confrontos e discussões. Do ponto de vista discursivo, objetivamos investigar se e como as gírias produzidas pelas garotas skatistas podem evidenciar empoderamento e resistência. Hipotetizamos que certas gírias funcionariam como um possível lugar discursivo de empoderamento (individual e coletivo), bem como de resistência ao sistema patriarcal. Metodologicamente, associamos as gírias às condições de produção, isto é, não desvinculamos o social, o fato de as protagonistas serem skatistas, por exemplo, da materialidade linguística, pensando esse fenômeno linguístico. Com a teorização acerca da possível relação entre gíria, empoderamento e resistência, esperamos, entre outras contribuições, fomentar o combate às desigualdades de gênero, tendo em vista o fazer científico comprometido com a redução de discriminações.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Betty* (2020). Garotas skatistas. Gírias. Empoderamento. Resistência.

## INTRODUÇÃO

Embora sejamos separados geograficamente de outros países por diferentes distâncias, vivenciamos momentos em que elas parecem não existir, devido à virtualidade permitida pela internet. Há algum tempo, as escolas de idiomas detinham muita exclusividade no ensino de línguas estrangeiras, sobretudo da língua inglesa, que é tão difundida mundialmente. Isso, em boa parte, pelo domínio e pela posse de certas tecnologias, as quais, com o tempo, passaram a ser relativamente democratizadas. Essa ampliação do acesso às tecnologias contribui para possibilidades de contato com vários idiomas mediante os mais diversos recursos disponíveis virtualmente, sendo as plataformas de *streaming* um grande exemplo dessa contribuição, de modo que corrobora a democratização da língua inglesa, devido à possibilidade, por exemplo, de se assistir a séries nesse idioma (áudio e/ou legenda).

Pensando em aprendizado de língua inglesa por meio de produções audiovisuais, conforme as disponíveis nessas plataformas, interessamo-nos por séries *teens*, especialmente pela série *Betty* (2020), a qual, de acordo com a página da plataforma de *streaming HBO Max* na internet, envolve “um grupo de jovens mulheres [que] lidam com seus relacionamentos e suas próprias identidades no masculino mundo do skate de Nova York”. Na matéria da Revista Cláudia, por Nathalie Páiva, intitulada “*Betty*: a série que retrata empoderamento feminino através do skate”, publicada no dia 29 de junho de 2021, é dito que “o enredo se passa em Nova York e acompanha cinco garotas que enfrentam um período de autoconhecimento, ao mesmo tempo em que lidam com a cena do skate, dominada por homens”. As cinco garotas skatistas e protagonistas são as seguintes personagens: Camille, Honeybear, Indigo, Janay e Kirt, as quais estão, com muita frequência, praticando skate e produzindo gírias<sup>2</sup>. São protagonistas que compõem um grupo bem diverso de mulheres em espaço majoritariamente dominado por homens, como são as pistas de skate.

Nessa perspectiva, selecionamos a série *Betty* (2020) como nosso material de pesquisa e as gírias ditas pelas cinco garotas skatistas, sobretudo aquelas produzidas em circunstâncias (in)tensas de confrontos e discussões, como nosso objeto de estudo. Para tanto, embasamo-nos em teorias linguísticas, conforme Cabello (2002); teorias feministas, segundo Berth (2020), Ribeiro (2020) e hooks<sup>3</sup> (2004, 2018); e teorias discursivas, de acordo com Orlandi (2005). Neste artigo, a série em tela, com temas e vivências caros ao público adolescente, permite-nos refletir acerca do quão importante é a fase da adolescência na vida de qualquer pessoa, especialmente quando se trata de (certas) lutas para a (re)afirmação de si. É um trabalho socialmente engajado, pois dialoga com existências, muitas vezes, invisibilizadas, mas empoderadas e resistentes. Assim, as noções de “resistência”, “empoderamento” e “gíria” são fulcrais aqui, sendo passíveis de uma relação teórico-metodológica, de maneira que formulamos a seguinte pergunta de pesquisa: como as gírias produzidas pelas protagonistas da série *Betty* (2020) podem evidenciar empoderamento e resistência? Hipotetizamos que certas gírias funcionariam como um possível lugar discursivo de empoderamento (individual e coletivo), bem como de resistência ao sistema patriarcal, o qual, conforme hooks (2004), é um sistema político-social que determina papéis de gênero, moldando subjetividades, de sorte que, historicamente, o skate tem sido essencialmente associado aos garotos.

## SKATE TAMBÉM É PARA GAROTAS!

Na atual conjuntura do skate nacional e internacional, temos observado, em diferentes mídias, garotas ocupando espaços em campeonatos e protagonizando cenas de muitas manobras importantes nesse esporte radical, conseguindo reconhecimentos vários do público em geral, bem como de especialistas da área. Certas emissoras de televisão, inclusive, têm feito transmissões de campeonatos de skate feminino em horários considerados “nobres”. E um importante nome recente a ser citado, nesse esporte, é o da garota skatista Rayssa Leal, conhecida como “Fadinha”, brasileira que tem conquistado diversas premiações ao longo dos anos, sendo a primeira skatista a obter o tetracampeonato mundial da *Super Crown*, que é uma espécie de final da *Street League Skateboarding*, considerada a principal liga de skate de rua.

O skate é um esporte radical que se difundiu nacional e internacionalmente, de modo que, em 2020, estreou nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Segundo Figueira e Goellner (2009), é, do ponto de vista cultural, uma prática urbana (esportiva e de lazer) muito associada aos garotos, o que impacta ainda na visibilidade das garotas skatistas, já que, “[...] como qualquer produto da cultura, o skate é um território pleno de embates, inclusive de gênero. Um espaço que demanda disputas por significação e existência” (Figueira e Goellner, 2009, p. 99).

As autoras em questão discorrem que a certa falta de visibilidade das skatistas diz respeito a uma construção discursiva que as direciona às margens do passado e do presente, de maneira que o referente é justamente o skate masculino. Defendem que, diferentemente do que ocorre com os garotos, o skate é ainda um esporte em construção para as garotas. Assim, “a posição central, nesse caso específico, é ocupada pela identidade masculina, branca e heterossexual e em função da qual todos os ‘diferentes’ são nomeados” (Figueira e Goellner, 2009, p. 99), corroborando e endossando a cultura patriarcal, que tanto desmerece as mulheres ao contestar suas habilidades ao narrar um jogo de futebol (ou mesmo ao jogá-lo), por exemplo. “De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem” (Ribeiro, 2020, p. 34). Então, opor-se ao patriarcado é, em alguma medida, “pagar um preço caro”, de modo que, embora sempre presentes na esfera do skate, as garotas têm passado por silenciamentos vários.

Na série *Betty* (2020), que tem como cenário a cidade de Nova York, é perceptível um número significativo de garotos nas pistas de skate, mas isso não significa que as garotas não estejam presentes e atuantes ali. Afinal, skate também é para garotas! Nessa série, muitas protagonizam com seus skates pelas pistas e pelas ruas da cidade em tela, “mandando manobras”, fazendo grupos e organizando encontros de skate. Inclusive, no terceiro episódio da primeira temporada, intitulado “*Happy birthday, Tyler*”, o personagem Bambi filma Camille andando de skate e “descolando” várias manobras importantes, o que provoca em muitos garotos skatistas certo incômodo, uma vez que ela se destaca nesse esporte radical, desafiando o padrão imposto pelo grupo dominante, o qual diz respeito à boa qualidade do desempenho dos garotos. Aliás, o personagem Bambi é justamente uma espécie de posição central, o referente, garoto por quem a personagem Camille tem um interesse amoroso, o que vai se rarefazendo ao longo da série à medida que Camille percebe, junto ao seu grupo de amigas skatistas,

que Bambi se comporta de modo “escroto” ao, por exemplo, desprezá-la em alguns momentos.

Nesse sentido, no quinto episódio da primeira temporada, intitulado “*Perstephanie*”, Camille, em uma espécie de lanchonete, está conversando com seu amigo skatista Charlie quando chegam as amigas Janay, Honeybear e Indigo. Camille agradece a Indigo o fato de ter pagado sua fiança na cadeia e promete que a pagará de volta. Bambi chega e, de modo sarcástico, pergunta como estão as “detentas”. Camille responde que elas ficaram presas por um tempo, afirmando que aquilo que não mata fortalece. Bambi conta que um amigo dele, certa vez, quis fazer sexo oral em um guarda para usar o banheiro. E Janay questiona Bambi por ele não ter pagado a fiança de Camille, que diz estar tudo bem. Contudo, Janay, também sarcasticamente, sugere que Bambi deveria ter se oferecido para fazer sexo oral no guarda para liberar Camille da detenção. Charlie afirma que Janay foi bem na fala. Bambi, de modo sem graça, menciona que vai ao parque, e Charlie vai com Bambi. Ao ser perguntada por Bambi se iria, Camille opta por não o acompanhar e diz que, quando terminar o lanche, irá. Logo após esse acontecimento, Bambi começa a esnobar Camille em uma pista de skate, e ela, por isso, tenta conversar com ele sobre a sua mudança de comportamento. Nesse momento, Bambi age de modo misógino, machista e sexista, dizendo: “*Chicks always start bugging over nothing.*”, que foi traduzido pela série por: “Mulher enche o saco por nada.”<sup>4</sup>

Ao produzirem gírias e ocuparem ruas e pistas com seus skates, as garotas skatistas, na série *Betty* (2020), estão se fazendo ser vistas em um contexto de invisibilização, formando um grupo que luta para se tornar presente/visível/reconhecido por meio da ocupação de espaços sociais e simbólicos, o que parece promover certas fendas no sistema patriarcal. Por exemplo, no primeiro episódio da primeira temporada, intitulado “*Key Party*”, o grupo das garotas skatistas protagonistas da série começa a se formar, de modo que Kirt, logo após conhecer Indigo, passa a ensiná-la a andar de skate. Na visão de Kirt, a prática do skate é muito divertida, não sendo necessário realizar manobras o tempo todo ou sequer realizá-las. Afinal, o skate não precisa ser sempre “radical”. Assim, Kirt procura encorajar a amiga, desconstruindo certa percepção acerca desse esporte, a qual poderia vir a afastar pessoas. Cabe destacar que a personagem Kirt, que comete certos “vacilos” com seu grupo, funciona, a nosso ver, como a sua “cola”, pois o ajuda bastante na formação e na manutenção de sua identidade.

No segundo episódio da primeira temporada, “*Zen and the Art of Skateboarding*”, após Indigo ter esbarrado em um garoto chamado Luis em uma pista de skate e ele ter ficado furioso com ela, Kirt defende a amiga perante Luis e, em seguida, problematiza o fato de que, quando uma garota esbarra em um cara na pista de skate, isso é considerado grave, mas, quando um cara esbarra em outro, nada acontece. Consideramos que, por um lado, o comportamento de Luis pode ser interpretado como uma espécie de insinuação da falta de qualidade ou de competência das garotas, ou seja, uma forma de desqualificá-las, e que, por outro, a reação e a resposta de Kirt permitem interpretar o skate como resistência nas existências de meninas. Aliás, o grupo das garotas skatistas é muito heterogêneo, de sorte que cada uma delas promove seu modo de resistir por meio dessa prática e das gírias. Em outras palavras, o que está em jogo na série *Betty* (2020) e, conseqüentemente, em nosso estudo é a diversidade e a união do grupo

das garotas skatistas na relação com o skate, mas também com a produção de certas gírias que podem indiciar empoderamento e resistência ao patriarcado.

### EMPODERAMENTO E RESISTÊNCIA: DESAFIANDO O PATRIARCADO

A pensadora feminista bell hooks, na obra *“The will to change: man, masculinity and love”*, especialmente no capítulo *“Understanding patriarchy”*, narra que, quando utiliza termos como “patriarcado capitalista imperialista supremacista branco”, o público ri, e essa risada seria um dos aparatos do próprio patriarcado para atrasar ou travar a luta contra ele. O humor, nesse caso, parece ter o objetivo de suavizar um assunto sério, zombar e escarnecer, para que não avance algo que afronte/enfrente ou derrube estruturas patriarcais, isto é, uma espécie de humor violento para a perpetuação desse sistema, o qual tende a “sufocar” fortemente as mulheres ao determinar a elas o que podem ou não fazer em uma perspectiva de papéis de gênero.

O patriarcado procura desconstruir feminismos, usando a violência para a sua perpetuação e, conseqüentemente, mantendo as mulheres “nos lugares delas”, colocando-se como a “verdade”, de maneira que quem enfrenta esse sistema tende a sofrer opressões, traumas e silenciamentos. Por exemplo, a garota skatista Honeybear, que mora com o pai e com a avó, vive um contexto de autoritarismo patriarcal, de forma que, quando sai de casa, veste-se de modo formal, mas, longe desse contexto, coloca suas vestimentas coloridas e despojadas, que não seriam aceitas por sua família, por serem consideradas inapropriadas.

Nesse sentido, gostaríamos de salientar o fato de as protagonistas da série *Betty* (2020) serem skatistas e lidarem com certos desafios por serem meninas em um universo predominantemente de meninos nas pistas de skate. Esses desafios indicam aspectos de uma sociedade construída sob o funcionamento do sistema patriarcal, do sexismo e do machismo, na qual a produção de gírias parece ser considerada historicamente um fenômeno do universo de garotos. Entretanto, na série em tela, esse fenômeno linguístico emerge de modo frequente entre as protagonistas, que formam um grupo a partir de pontos de encontro comuns, como: serem mulheres, enfrentarem opressões por serem garotas skatistas e vivenciarem conflitos pessoais e de relacionamentos.

Parafraseando a pensadora Berth (2020), na obra *“Empoderamento”*, entendemos que essa palavra evidencia a relação de retroalimentação entre a individualidade e o grupo, no sentido de autoafirmação, autoaceitação, autovalorização, autoconhecimento e autorreconhecimento, sem perder de vista a cultura e a estética inerentes a certa subjetividade, de modo a “[...] criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade” (Berth, 2020, p. 21). A noção de “empoderamento” abordada pela autora está articulada a grupos minoritários que resistem a partir de suas raízes culturais, sociais e políticas em uma perspectiva de tomada de consciência na percepção de potenciais e habilidades no enfrentamento de sistemas de dominação, sendo um deles o patriarcado. Além de poderem evidenciar empoderamento, certas gírias investigadas por nós podem evidenciar uma marca discursiva de resistência a esse sistema tão violento.

Compreendemos que a resistência é uma espécie de luta contra algum exercício do poder. Assim, “o que define a resistência não é uma ação de

entrincheiramento do sujeito em si mesmo. É justamente o contrário. O movimento é de saída da trincheira, metáfora da ordem simbólica que determina o que é e o que não pode ser o sujeito” (SOUZA, 2003, p. 41). Certas gírias podem funcionar como um lugar discursivo de “saída da trincheira”, podendo evidenciar, no caso das garotas skatistas da série *Betty* (2020), resistência à sociedade patriarcal, uma resistência como uma espécie de luta e saída subjetiva das garotas para continuarem andando de skate e ocupando (certos) espaços sociais e discursivos.

Do ponto de vista discursivo, concebemos que a resistência diz respeito a uma conquista, pois, por exemplo, ao empregarem certas gírias, as garotas skatistas da série em tela tendem a assumir uma posição discursiva de empoderamento em que possam ter “voz” e, de alguma forma, lutarem contra exercícios de poder. Logo, nosso interesse recai sobre certas gírias faladas por essas garotas, indiciando sentidos e efeitos de sentido outros, sendo parte de nosso modo de analisar discursivamente as gírias.

### CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE UM POSSÍVEL MODO DE ANALISAR GÍRIAS

Biderman (2001) afirma que um dos aspectos para a criação de uma gíria diz respeito à busca por maior expressividade, o que vai ao encontro dos diferentes estilos de as adolescentes (vi)verem a vida. Segundo Cabello (2002), a “gíria” é uma manifestação linguística própria de grupos sociais, configurando-se como uma espécie de linguagem especial. Mantém a identidade e a coesão grupais, sendo produto de uma subcultura, visto que, antes de alcançar, possivelmente, parcela maior da sociedade, emerge de modo restrito, como ocorre, por exemplo, entre as garotas e(m) seus grupos. Em geral, nas séries *teens*, notamos uma presença marcante e frequente de gírias produzidas pelas adolescentes, o que indicia ser parte da identidade da adolescência.

Assim posto, torna-se necessário não desvincularmos as gírias produzidas pelas garotas skatistas na série *Betty* (2020) das condições de produção. Segundo Orlandi (2005, p. 30), “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”. Minimamente, as condições de produção configuram-se como as circunstâncias de um discurso, as quais, no caso da série *Betty* (2020), podem ser pensadas, por exemplo, a partir da ocupação das ruas e das pistas de skates pelas adolescentes, das suas vestimentas, muitas vezes, coloridas e despojadas, dos seus cabelos (*black power* ou não) e a própria cultura patriarcal sendo combatida (in)diretamente.

Embasando-nos na Análise de Discurso, consideramos as gírias produzidas pelas garotas skatistas em condições de produção específicas, na relação com quem diz o que diz, quando diz, como diz, ou seja, tal fenômeno linguístico abordado sob o ponto de vista discursivo, dos sentidos e efeitos de sentido outros. As gírias fazem emergir, de certa forma, modos de vida, lembrando que “[...] o modo de dizer não é indiferente aos sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 33). Afinal, segundo Orlandi (2005), a Análise de Discurso foca a língua no mundo e as diferentes formas de (se) significar, o que nos permite dizer que as gírias, sob tal

perspectiva, são uma produção de sentidos de sujeitos de uma sociedade, sendo, pois, parte de suas vidas.

Nosso material de análise abrange as duas temporadas da série *Betty* (2020), totalizando doze episódios (seis por temporada). Já nosso objeto de estudo são as gírias produzidas pelas protagonistas, isto é, pelas cinco garotas skatistas, com foco em certas gírias que emergem em circunstâncias (in)tensas de confrontos e discussões, a fim de problematizarmos a possível relação entre “gíria”, “empoderamento” e “resistência”. Para tanto, assistimos à série toda, com o intuito de identificarmos e registrarmos, de modo contextualizado, as possíveis gírias produzidas pelas garotas skatistas. Dessa maneira, com o áudio em inglês e as legendas em português, recortamos as sequências linguísticas em que emergem gírias (palavras ou expressões), de modo a analisá-las discursivamente, o que demanda um olhar conjuntural, já que ocorrem em atos enunciativos singulares.

Em termos metodológicos, para a identificação, o registro e a análise das gírias, utilizamos, sobretudo, dois livros sobre gírias e seus principais modos de emprego: *Inglês de rua: as gírias e os termos coloquiais usados pelos americanos*, de Igreja e Young (2014), e *Slang: gírias atuais do inglês*, de Scholes (2004), bem como o *Michaelis: dicionário de gírias: inglês-português*, de Nash e Ferreira (2010). Os dois livros e o dicionário, que abordam as gírias de modo contextualizado, permitem-nos identificar e definir se determinada palavra ou expressão em inglês pode ser considerada uma gíria. Além dos possíveis significados das gírias abordados pelos dois livros e pelo dicionário, bem como pela própria equipe de tradução da série *Betty* (2020), apontamos outros sentidos e efeitos de sentido, a fim de investigarmos se e como certas gírias produzidas pelas garotas skatistas podem evidenciar empoderamento e resistência.

## ANÁLISE DE GÍRIAS: SENTIDOS E EFEITOS DE SENTIDO OUTROS

Ao realizarmos a análise discursiva de gírias, queremos dizer que, embasando-nos na Análise de Discurso pensada, elaborada e desenvolvida pela brasileira Eni Orlandi, trabalhamos com a forma material da linguagem, isto é, com o discurso, no sentido de levarmos em conta a implicação, na linguagem, de sujeito e sentido, que são efeitos da linguagem e estão em relação com outros sujeitos e sentidos. As gírias, que são uma manifestação possível da linguagem (sempre opaca), estão sujeitas a equívocos, a outros sentidos e a efeitos de sentido. Por isso, associamos esse fenômeno linguístico às condições de produção, ou seja, não desvinculamos o social (o fato de as protagonistas serem, por exemplo, skatistas) da materialidade linguística.

Nessa perspectiva, destacamos o primeiro episódio da primeira temporada da série *Betty* (2020), intitulado, como já dissemos, *Key Party*. Nesse episódio, as amigas skatistas Kirt e Janay conversam sobre um “encontro de garotas do skate” (*all-girl skate sesh*), anunciado em uma postagem no *Instagram*. Ao chegar a uma pista de skate e encontrar Janay, Kirt afirma: “*Fucking late, bitch*”, traduzido pela série da seguinte maneira: “Atrasou muito, mana”, e Janay pede desculpas. Embora a tradução de “*fucking*” por “muito” seja possível, ela silencia o sentido de gíria, pois “*fucking*”, conforme Nash e Ferreira (2010), pode ser traduzido, por exemplo, por “porra” ou “pra cacete”, o que parece acirrar certo tom de surpresa ou revolta/raiva, devido ao breve momento de discussão entre as amigas.

Sobre a gíria “*bitch*”, a qual é problematizada adiante, interessante já ressaltarmos o rompimento com os significados e os sentidos pejorativos popularmente veiculados. Kirt e Janay são grandes amigas, logo a gíria “*bitch*”, que até poderia ter sido traduzida por “puta” ou “vadia” em tom de xingamento<sup>5</sup>, brincadeira ou ironia, foi traduzida por “mana”, o que produz o efeito de sentido de irmandade entre essas garotas skatistas. Trata-se da emergência da gíria em um grupo, com certos sentidos e efeitos de sentido em detrimento de outros, mantendo a coesão grupal por meio da identificação entre suas membras.

Na continuidade do episódio em questão, ao adentrarem a pista de skate, Kirt e Janay percebem que está lotada de meninos. Janay indaga se não haveria um lugar mais vazio, e Kirt afirma saber que as meninas já estão chegando, mas Janay, em tom de discussão, alerta que a postagem no *Instagram* deveria ter acontecido na semana passada, para que pudesse reunir mais garotas. Então, Kirt afirma: “*But time is an illusion, anyways, dude. I keep telling you that*”, traduzido pela série assim: “Mas o tempo é uma ilusão, cara. Eu sempre falo isso.”. Janay afirma que não é ilusão o fato de nenhuma menina ter aparecido. Porém, em seguida, Kirt diz: “*There is a girl sitting right there, bro*”, traduzido do seguinte modo: “Tem uma garota sentada ali, cara.”, referindo-se à garota skatista Honeybear, que, com uma câmera, filma o “rolê” de skate de Kirt. As gírias “*dude*” e “*bro*” foram traduzidas por “cara”, mas também poderiam ter sido traduzidas por “mana”, visto que ocupam um lugar semelhante ao da gíria “*bitch*” dita também por Kirt, conforme mostrado anteriormente.

Falamos aqui de gírias produzidas pelas garotas skatistas da série *Betty* (2020), mas também podendo ser ditas por garotas (não) skatistas na vida real (em língua inglesa ou em língua portuguesa), entendendo que, ainda que envolvendo as mesmas palavras e expressões empregadas por garotos, sendo, muitas vezes, com sentidos filiados à formação discursiva patriarcal, são passíveis de serem relacionadas a outros sentidos e efeitos de sentido. Pensando a partir de Orlandi (2005, p. 30), pela memória discursiva e pela língua, é possível compreendermos que, mesmo que ocorra a filiação de sentidos e efeitos de sentido a certos dizeres, “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas.”, elas não pertencem a grupos específicos. Logo, ao atualizarem palavras e expressões funcionando como gírias, geralmente filiadas a uma formação discursiva patriarcal, garotas podem ressignificar tais termos, produzindo sentidos e efeitos de sentido outros, que (re)afirmam a presença da mulher, validam suas ações e comportamentos, inclusive (in)tentando combater o próprio patriarcado. Entretanto, isso não significa que toda e qualquer gíria empregada por garotas combata esse sistema político-social, pois o emprego de gírias pode ser simplesmente uma expressão de grande alegria e entusiasmo.

Ainda no primeiro episódio da primeira temporada, as protagonistas se mobilizam para tentarem encontrar a mochila amarela de Philip, um amigo de Camille, e, como o celular dela estava nela, então, através de um aplicativo, percebem que podem localizar quem roubou a mochila. Na sequência, Kirt afirma: “*What are we waiting for? Let’s go catch that bitch.*”, o que foi traduzido da seguinte maneira: “O que a gente está esperando? Vamos pegar esse escroto.”. Com a união das cinco garotas skatistas, a mochila foi encontrada, e Kirt diz na cara do ladrão, em um momento (in)tenso de confronto, que ele é um “escroto” (*bitch*). Segundo Scholes (2004, p. 21), “do sentido original cadela, a palavra *bitch* se tornou um termo ofensivo para indicar uma mulher grosseira, irritante ou cruel” (grifos do

autor). Conforme Igreja e Young (2014, p. 25), essa gíria se refere a “mulher muito desagradável, rude ou cruel; megera; ‘vaca’; ‘puta’”. Além da tradução dada pela série e desses significados, pensamos sentidos outros, como “puto” e “fodido”, os quais, assim como a tradução da série, rompem com tais significados atribuídos por esses autores e, possivelmente, com a cultura patriarcal, que objetifica a mulher, designando-a, muitas vezes, por termos que visam a depreciá-las.

Do nosso ponto de vista discursivo, esse possível rompimento com a cultura patriarcal ocorre porque a gíria “*bitch*” costuma ser usada para objetificar, controlar, dominar e oprimir mulheres, mas, quando dita por Kirt em tal circunstância, é atualizada, ressignificada, indiciando devolver à cultura patriarcal o “lixo” que tal cultura produz. É uma gíria como possível defesa do grupo das garotas skatistas, haja vista que os efeitos de sentido dependem muito de onde e como circula o termo, dos sentidos que seu emprego faz circular, entre outros aspectos relativos às condições de produção.

Nessa perspectiva, a gíria “*bitch*” evidencia possível efeito de sentido de empoderamento (amigas se unindo, fortalecendo-se, defendendo-se) e possível efeito de sentido de resistência (amigas lutando contra a dominação patriarcal). Conforme Berth (2020), o empoderamento deve ser coletivo, estando interligado a práticas antirracistas, antissexistas e anticapitalistas. Portanto, não se combate uma estrutura dominante individualmente, de modo que, na linha de raciocínio dessa autora, o empoderamento está estritamente ligado ao trabalho de desenvolvimento e recuperação das forças de vítimas de sistemas de opressão, visando à libertação social de todo um grupo. As opressões estruturais, conforme Ribeiro (2020), dificultam que certos grupos se reconheçam como oprimidos e/ou que tenham direito à fala e à humanidade. É por isso que, a partir da produção de certas gírias pelas garotas skatistas na série *Betty* (2020), podemos pensar em possíveis efeitos de empoderamento e resistência.

Destacamos agora o terceiro episódio da primeira temporada, intitulado, como já mencionamos, “*Happy birthday, Tyler*”, no qual as personagens Kirt e Janay saem juntas para lancharem, mas Kirt percebe que Janay está aparentando muito preocupada, agindo de forma estranha, pois não para de verificar o próprio celular. Então, Janay diz que há uma garota falando bobagens sobre ela. Indignada, Kirt indaga: “*Some bitch is talking shit about you? On your birthday? Hell no, bro!*”, o que foi traduzido pela série da seguinte maneira: “Uma idiota falou besteira de você? No seu aniversário? De jeito nenhum, cara!”. Com relação à gíria “*bitch*”, uma tradução interessante a partir da própria tradução feita pela série, conforme anteriormente apresentado, seria “escrota”, a fim de destacar uma possível atitude ruim de uma garota com outra. Assim, a gíria “*bitch*” estaria, nesse dizer, em oposição à gíria “*bro*”, a qual, de acordo com Igreja e Young (2014), é a abreviação de “*brother*” (“cara” e “mano”), ou melhor, “mana”, já que, entre Kirt e Janay, há muita amizade e irmandade.

Com relação à gíria “*shit*”, Nash e Ferreira (2010), além da tradução por “besteira” dada pela própria série, acrescentam, conforme parece ocorrer na circunstância do dizer acima, “merda”, “mentira” e “papo-furado”. Segundo Scholes (2004), pode ser traduzida por “porcaria” também. Já acerca da expressão giriática “*hell no*”, salientamos que Nash e Ferreira (2010) traduzem a gíria “*hell*”, funcionando como interjeição, da seguinte maneira: “caramba”, “cacete”, “putz” e “merda”, o que nos permite pensar em algumas traduções possíveis para “*hell no*”, quais sejam, “que merda” e “que cacete”, por exemplo. Logo, outra possível

tradução para o dizer de Kirt seria: “Alguma escrota está falando merda de você? No seu aniversário? Que cacete, mana!”.

Nesse contexto, compreendemos, minimamente, que todas essas gírias em destaque (as palavras “*bitch*”, “*shit*” e “*bro*” e a expressão “*hell no*”) evidenciam possíveis efeitos de sentido de empoderamento (pensamento voltado à coletividade, amiga defendendo amiga) e de resistência (pensamento contra alguma forma de dominação e opressão patriarcais), lembrando que, no patriarcado, a mulher também pode ter atitudes e comportamentos sexistas e machistas, o que nos rememora o primeiro episódio da primeira temporada, visto que, no fim do episódio, Camille mostra-se ingrata ao entrar sozinha em uma espécie de pista de skate e não ficar com as outras garotas ou ao menos tentar levá-las para a pista também, o que gera um momento de confronto e faz Janay questionar: “*What the fuck?*”, traduzido por: “Que porra é essa?”, e Kirt resmungar: “*Damn!*”, traduzido da seguinte maneira: “Caramba!”.

Com relação à expressão “*What the fuck*”, Igreja e Young (2014) compreendem que pode ser traduzida como: “Mas que porra” e “Que merda”; e a palavra “*Damn*”, conforme Igreja e Young (2014, p. 59), é uma “exclamação usada quando se está bravo, irritado ou decepcionado; ‘droga’; ‘porra’; ‘cacete’.”. Diante dessa circunstância, compreendemos que a expressão pode ainda ser traduzida por: “Que sem noção?”, e a palavra “*Damn*” por: “Foda”. Então, a partir dessas gírias, notamos a insatisfação do grupo das garotas skatistas com Camille, a qual, no início da série, tem muita influência dos garotos em seu comportamento. Inclusive, no segundo episódio da primeira temporada, intitulado, como já afirmamos, “*Zen and the art of skateboarding*”, Kirt diz para Indigo que Camille é chata porque foi curtir com os caras depois de o grupo de amigas ter procurado, durante o dia todo, pela mochila perdida. No entanto, enfatizamos que, ao longo da série, Camille, que inicialmente ignorava as garotas skatistas, torna-se verdadeiramente parte do grupo delas e abandona o “rolê” de skate que tinha com os garotos, conseguindo até mesmo se afastar de Bambi, o qual costuma ter atitudes misóginas, machistas e sexistas.

No primeiro episódio da segunda temporada, intitulado “*Octopussy*”, Camille experimenta roupas que ganhou de uma loja chamada NFD para usar nos vídeos que ela grava e posta na internet. Essa garota veste uma jaqueta de modelo curto, deixando a barriga à mostra, e uma calça justa. Indigo, ao vê-la, diz, com surpresa: “*Dude! You look like a thot.*”, traduzido pela série por: “Cara! Ficou fodaça.”. O pai de Camille pergunta: “*Wait, is thot good?*”, traduzido da seguinte maneira: “Fodaça é bom?”. Indigo responde que é ótimo. Contudo, Camille diz que as roupas parecem estar em tamanho bem pequeno, mas o pai diz que está bom. Indigo adverte o pai de Camille de que ele precisa dizer que ela está bonita, e não que está bom.

A palavra “*thot*” é, segundo o dicionário online Merriam-Webster, uma gíria composta pela abreviação da construção “*that ho over there*”, a qual pode ser traduzida por “aquela puta lá”. Segundo consta desse dicionário, é “um termo gíriático para uma mulher que é considerada sexualmente promíscua. É geralmente usado no lugar da palavra ‘*ho*’ (ou ‘*whore*’) e às vezes usada como um termo genérico para uma mulher” (tradução nossa)<sup>6</sup>. Porém, na situação discursiva em que emerge, dito por Indigo a Camille, demonstrando positivamente sua surpresa diante do visual da amiga, pode ser interpretada como um elogio, haja vista a correção que, na sequência, faz ao pai da amiga, destacando que ela está

bonita. Assim, a gíria “*thot*” pode se configurar como uma expressão de alegria e entusiasmo de uma amiga percebendo que outra amiga está simplesmente bem!

Neste artigo, construímos que certas gírias produzidas pelas cinco garotas skatistas da série *Betty* (2020) evidenciam possíveis efeitos de empoderamento (individual e coletivo) e de resistência à sociedade patriarcal (construída em torno das práticas machistas e sexistas). Também construímos que certas gírias evidenciam possíveis sentimentos de simples vivências próprias à adolescência. Afinal, as gírias podem ser uma potência criadora que (de)marcam diferenças sociais e discursivas, inclusive indiciando uma luta feminista.

Nessa perspectiva, vale lembrarmos que o feminismo, conforme concebemos a partir de hooks (2018), dialoga, em termos gerais, com a luta contra toda e qualquer forma de dominação. Nessa linha de raciocínio, torna-se importante enfatizarmos que, “[...] para compreender o feminismo, uma pessoa precisa necessariamente compreender o sexismo” (hooks, 2018, p. 17), ou seja, minimamente compreender como é social e culturalmente construída a pretensa superioridade do homem sobre a mulher. “Dito de maneira simples, feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (hooks, 2018, p. 17).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todas as conquistas de garotas skatistas (brasileiras ou não), o skate ainda é, segundo Figueira e Goellner (2009), uma prática muito mais associada culturalmente ao universo dos meninos, hegemonia que, a nosso ver, acontece também em outros espaços (esportivos ou não). Por isso, pensamos que, na adolescência contemporânea, há desafios sendo enfrentados por meninas que procuram ocupar certos espaços (sociais e discursivos) que, em outros tempos, eram praticamente exclusivos dos garotos, os quais parecem tender, de modo geral, a reproduzir fortemente a cultura patriarcal (sistema que domina e oprime mulheres). No entanto, ressaltamos que a ampliação do acesso às novas tecnologias vem contribuindo para possibilidades de contato com diversas produções audiovisuais que veiculam pensamentos destoantes dessa cultura, como os pensamentos feministas, sendo as plataformas de *streaming* e suas séries um grande exemplo dessa contribuição, o que pode fortalecer as garotas na vida real. Inclusive, observamos que o uso de gírias entre as adolescentes é cotidiano.

Com base em toda a série *Betty* (2020), temos a possibilidade de problematizarmos certo perfil das garotas skatistas protagonistas, refletindo acerca do que certas gírias evidenciam dessas garotas como possíveis subjetividades empoderadas e resistentes. Dito de outro modo, do ponto de vista discursivo, compreendemos certo perfil de garotas procurando romper com padrões patriarcais, sexistas e machistas. Portanto, o estudo de gírias em língua inglesa pode contribuir para um estudo de língua estrangeira que valoriza saberes populares e voltados ao letramento feminista, visando à luta contra desigualdades.

Considerando as diversidades das garotas skatistas da série em tela, acreditamos que, com este trabalho, podemos contribuir tanto para tentar desconstruir certa visão ainda estigmatizada desse fenômeno linguístico quanto para pensar a potência das gírias para além da ideia de apenas codificar dizeres para a formação de grupo, concebendo-as como um funcionamento possível de

combate a opressões advindas e/ou relacionadas ao patriarcado. Buscamos empreender, assim, um fazer científico comprometido com a redução de discriminações. São garotas skatistas, amigas, “*bitches*” (“*manas*”), defendendo-se em um universo hegemonicamente composto por garotos, de modo que elas passam por diversos dissabores tanto nas pistas de skate quanto fora delas, mas produzem certas gírias com possíveis sentidos e efeitos de sentido de combate às diversas formas de violência, como a objetificação da mulher.

Por fim, pensamos as gírias produzidas pelas garotas skatistas na série *Betty* (2020) como construções discursivas de visibilidade, uma vez que essa produção linguística por garotas, na realidade social, parece que tende a ser silenciada, e essas garotas, muitas vezes, vistas como violentas e “suas” em uma cultura patriarcal, pelo simples fato de empregarem gírias. No patriarcado, as gírias ditas por garotos são naturalizadas; porém, quando ditas por garotas podem se configurar como resistência a esse sistema e evidenciar empoderamento, o que nos permite destacar a gíria “*betty*”, nome da série... “Afinal, **betty** é gíria para uma mulher que esbanja autoconfiança, que é atlética, incrível no surfe ou skate. E, de fato, temos sorte de ter um pouco dessas ‘*betties*’ em nossas vidas” (Reis, 2026).

## NOTAS

1 - Este artigo é produto de trabalho de pesquisa na modalidade PIBIC-EM (IFG, Campus Jataí), entre 2025 e 2026, com bolsa de iniciação científica pelo CNPq, cujo apoio agradecemos.

2 - Com relação ao fenômeno linguístico das “gírias”, destacamos que, conforme Igreja e Young (2014, p. 03), “[...] dominar realmente um idioma e estar apto a compreender e se expressar com desenvoltura pressupõe estar bem familiarizado com as expressões informais, *gírias* e outros termos coloquiais inerentes a esse idioma” (grifo nosso).

3 - A escrita do nome “bell hooks” será mantida em letra minúscula, respeitando a própria escolha da autora por esse formato, pois ela considera tal escrita como a expressão de que as ideias em seus livros são mais importantes do que ela mesma.

4 - A autora bell hooks (2004) narra que o irmão dela, sob o funcionamento do patriarcado, no âmbito familiar, aprendeu que garotos não expressam sentimentos, ao passo que ela, como garota, aprendeu que mulheres podem expressar sentimentos ou, pelo menos, alguns deles. Ela considera que o patriarcado mantém os homens longe de si mesmos e de estarem em contato com os próprios sentimentos. Entendemos que, sob essa ótica, homens, como ocorre com Bambi, aprendem que “conversar sobre a relação” seria algo “de mulher” e, consequentemente, inferior.

5 - Ainda que usada como “puta”, já que talvez Kirt pudesse estar com raiva da amiga pelo atraso, tal gíria não significa necessariamente do mesmo modo, haja vista serem amigas, pertencerem a um mesmo grupo e tratarem-se bem.

6 - “**Thot** (also thottie) is a slang term for a woman who is considered sexually promiscuous. It is often used in place of the word ho (or whore) and is sometimes used as a general term for a woman”.

## Series *Betty* (2020): skater girls and slang uses

### ABSTRACT

In this article, we focus on the series *Betty* (2020), in which there are five skater girls and protagonists: Camille, Honeybear, Indigo, Janay and Kirt, who are frequently skateboarding and saying slang terms in (in)tense circumstances of confrontations and arguments. From the discursive point of view, we aim to investigate if and how the slang terms said by the skater girls can indicate empowerment and resistance. We hypothesize that certain slang terms would work as a possible discursive place of empowerment (both individual and collective), as well as of resistance to the patriarchal system. Methodologically, we associate the slang terms to the conditions of production, that is, we do not separate the social aspect, the fact that the protagonists are skaters, for example, from the linguistic materiality, thinking about this linguistic phenomenon. By theorizing the possible relation between slang, empowerment and resistance, we hope, among other contributions, to encourage the struggle against gender inequalities, considering the scientific practice committed to the decrease of discrimination.

**KEYWORDS:** *Betty* (2020). Skater girls. Slang terms. Empowerment. Resistance.

## REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BETTY. Direção: Crystal Moselle. Produção: Crystal Moselle e Lesley Arfin. Estados Unidos: HBOMax, 2020–2021. Disponível em:

<<https://www.hbomax.com/br/pt/shows/betty/ea4327cc-7773-44ff-9736-19165dbc110e>> Acesso em: 21 ago. 2026.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Teoria linguística: teoria lexical e computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CABELLO, Ana Rosa Gomes. Linguagens especiais: realidade linguística operante. In: Revista Uniletras, v. 24. n. 1, p. 167-182, 2002.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. SKATE e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. In: Revista Brasileira de Ciências do Esportes, v. 30, n. 3, p. 95-110, 2009.

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, bell. Understanding patriarchy. In: The will to change: men, masculinity and love. Atria Books: New York, 2004.

IGREJA, José Roberto A.; YOUNG, Robert C. Inglês de Rua: as gírias e os termos coloquiais usados pelos americanos. Barueri, SP: DISAL, 2014.

NASH, Mark G.; FERREIRA, Willians Ramos. MICHAELIS: dicionário de gírias: inglês-português. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

PÁIVA, Nathalie. Betty: a série que retrata empoderamento feminino através do skate. In: Cláudia, 2021. Disponível em:

<<https://claudia.abril.com.br/cultura/serie-betty-hbo/>> Acesso em: 04 jun. 2025.

REIS, Ana. Betty: Série sobre mulheres skatistas retrata assédio sexual e machismo. In: Nó de oito. «<https://nodeoito.com/betty-serie-sobre-mulheres-skatistas/>» Acesso em: 16 ago. 2026.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

SCHOLES, Jack. Slang: gírias atuais do inglês. São Paulo: Disal, 2004.

SOUZA, Pedro de. Resistir, a que será que se resiste? O sujeito feito fora de si. In: Linguagem em (Dis)curso. Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 37-54, 2003.

THOT. Merriam-Webster Dictionary (online). Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/slang/thot> Acesso em: 16 ago. 2026.

**Recebido:** 30 ago. 2026.

**Aprovado:** 1 out. 2026.

**DOI:** 10.3895/rde.v17n29.22503

**Como citar:** Leite, T.A.R.; Leite, K.R.O; Andrade, I.F. Série Betty (2020): garotas skatistas e produções de gírias. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 17, n. 29, p. 118-132, jul./dez. 2026. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

